



## Cumprimos a nossa missão

Por A. Domingues de Azevedo, presidente da Direcção da CTOC

Só quem vive diariamente esta profissão sente o seu pulsar e pode, com a intensidade devida, compreender a alegria sentida quando recebi a notícia que, no passado dia 23 de Abril, tinha sido aprovado, em Conselho de Ministros, a autorização legislativa de alteração do Estatuto da Câmara dos Técnicos Oficiais de Contas.

Para se compreender bem aquilo de que falo, é necessário ir mais além e acreditar em todos os que nos rodeiam e representam, levando por diante uma profissão em que já pouca gente acreditava.

Estamos às portas de vencer uma das mais importantes batalhas da nossa profissão, não só pela passagem a Ordem, situando-a, por isso, ao mesmo nível de outras profissões mas, acima de tudo, pelas alterações estruturais que se introduzem no Estatuto e que reverterão numa visão completamente diferente da nossa profissão. Está, assim, prestes a concretizar-se um dos objectivos que tinha imposto a mim mesmo.

Provavelmente algumas alterações, como por exemplo a pontuação, a obrigatoriedade de alteração das sociedades de contabilidade, os contratos de prestação de serviços e a passagem a Ordem, vão levar algum tempo a fazer parte do léxico da nossa actividade, mas o mais importante é que a partir da alteração do Estatuto tudo dependerá apenas de nós e de mais ninguém.

Tudo ficará mais esclarecido e definido, para que a profissão se consolide e cresça de forma harmoniosa.

As novas responsabilidades e direitos emergentes da alteração do Estatuto, a clarificação de alguns conceitos importantes, o tratamento igualitário com outras profissões no que respeita ao atendimento nas repartições públicas, bem como o alargamento do campo de actuação dos TOC, constitui um conjunto de novas oportunidades que deve ser visto como determinante.

No próximo dia 15 de Julho completam-se 13 anos (1996-2009) desde que a Comissão Instaladora, e Comissão de Inscrição que a coadjuvou, da então Associação dos Técnicos Oficiais de Contas, tomou posse. Seria uma feliz coincidência se as alterações ao Estatuto fossem aprovadas naquela data.

Treze anos depois, quem acreditaria que chegaríamos aqui? Passámos por dificuldades, houve necessidade de clarificar posições e inverter tendências, mas hoje, independentemente de se gostar ou não e dos juízos de valor sobre o que se fez ou poderia ter feito, a verdade indiscutível é que a profissão cresceu. Cresceu em maturidade, responsabilidade, em aceitação social, conhecimento e no domínio das temáticas profissionais.

Alguns tiveram, e ainda hoje têm medo, desse crescimento. É uma visão da profissão. Não digo que estejam mal intencionados, é essa a sua forma de estar, mas de maneira alguma, pelo menos do que continuo a pensar do papel que nos está reservado, serve como fio condutor desta tão importante profissão. Para a conduzir com os riscos, características e desafios que lhe são inerentes, é necessário ter-se uma dose controlada de “loucura”, um enorme poder de encaixe e o conhecimento de todos os meandros da profissão.

Esse conhecimento, aliado à vontade de mudar, é a maior motivação que podemos ter para travar as batalhas necessárias e para levarmos a nossa actividade na senda do progresso e da consolidação. Por mim (penso que estou a chegar ao fim do caminho que me propus percorrer), julgo que percorremos uma trajectória frutuosa e muito positiva.

Não esqueço as palavras que proferi no acto de tomada de posse da Comissão Instaladora da então ATOC: «Não me julguem pelo que eu disser, mas sim pelo que eu fizer.» Estas palavras continuam a ser o meu lema de vida. Continuam a ser os valores de todos os que me acompanharam neste longo e, nem sempre, fácil caminho. Cumprimos com o nosso dever. ■